

-45-

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

MEDÉIA, LISÍSTRATA E PRAXÁGORA:  
SUBVERSÃO FEMININA NA ATENAS DO SÉCULO V a.C.

MARA REJANE NÓBREGA TAVARES

ORIENTADORA: MARIA DO SOCORRO XAVIER

CAMPINA GRANDE - PB  
1990

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA  
BACHARELADO EM HISTÓRIA

MEDÉIA, LISÍSTRATA E PRAXÁGORA:  
SUBVERSÃO FEMININA NA ATENAS DO SÉCULO V a.C.

Monografia apresentada à Banca Examinadora  
composta pelos professores Martha Maria  
Falcão de Moraes Carvalho Santana, Maria do  
Socorro Xavier, e Leonília Maria de Amorim  
conforme exigência de conclusão do Curso  
de Bacharelado em História da Universi-  
dade Federal da Paraíba - Campus II.

CAMPINA GRANDE  
1990



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2022.

Sumé - PB

MEDEIA, LISÍSTRATA E PRAXÁGORA:  
SUBVERSÃO FEMININA NA ATENAS DO SÉCULO V a.C.



À minha mãe, Otilia Nóbrega Tavares,  
mulher forte e enérgica, culta e  
inteligente, por tudo que me ensinou  
e fez por mim enquanto esteve ao meu  
lado.

## AGRADECIMENTOS

- Ao meu pai, Arnaldo Henriques Tavares, amigo e orientador, pela paciência e dedicação;
- Ao meu irmão, Paulo Henrique Nóbrega Tavares, pela ajuda inestimável;
- Ao professor Josemir Camilo de Melo, pela sugestão de um tema sobre a mulher na cultura grega, e pela orientação recebida, infelizmente interrompida por sua viagem a Inglaterra;
- Ao professor Durval Muniz de Albuquerque Júnior, pela indicação das peças de teatro como centro de minha pesquisa, e pela orientação recebida, fundamental para o desenvolvimento deste trabalho;
- À professora Maria do Socorro Xavier, amiga e orientadora, sempre presente para responder às minhas dúvidas, ajudando-me em tudo;
- Aos demais professores do curso, que fizeram com que eu admirasse ainda mais a HISTÓRIA;
- Aos amigos e colegas da faculdade, especialmente aos do período 85.1 com os quais estudei praticamente todo o tempo;
- A todos vocês, que contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão deste trabalho, muito obrigada.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO ..... 01

### CAPÍTULO I

1. Fragmentos Iniciais ..... 06

2. A Cultura do Século V a.C. .... 10

### CAPÍTULO II

1. Uma Criação Fabulosa: O Teatro ..... 15

### CAPÍTULO III

1. Princípios de Subjugação ..... 24

2. A Mulher Ateniense: Submissa  
ou Subversiva ? ..... 29

NOTAS ..... 40

BIBLIOGRAFIA ..... 44

ANEXOS ..... 46

”...Mirem-se no exemplo  
daquelas mulheres de Atenas,  
viverem pros seus maridos,  
orgulho e raça  
de Atenas...”

(CHICO BUARQUE, Mulheres de Atenas)



## INTRODUÇÃO

A situação da mulher é muito discutida atualmente. Questiona-se como resolver a sua subjugação em relação ao homem, de que forma combater a desigualdade entre os sexos e até mesmo se há alguma razão para essas discussões.

Partindo do fato de que a mulher é discriminada e inferiorizada, a questão é: por que isso acontece, ou melhor, por que vem acontecendo há tanto tempo?

Grande parte das pessoas diria que a mulher é naturalmente inferior. Que Deus criou primeiro o homem, portanto ele deve ser melhor e mais importante. Que a mulher pertence ao sexo fraco e não tem capacidade de se igualar ao homem. Que o seu lugar é a cozinha. Que não tem condições de superar quaisquer obstáculos e outras tantas coisas mais. As respostas são inúmeras e diversas.

Mas de onde viria o (pre)conceito de que a mulher é inferior ao homem?

No nosso entender, é uma herança cultural, vem das raízes do nosso pensamento. A maneira pela qual agimos no presente é o reflexo do passado, nossas atitudes decorrem dele e influenciam posições futuramente adotadas. Ciro Flamarion S. Cardoso ressalta que é um absurdo ignorar o passado porque:

“(...) a História tem a sua palavra a dizer, os seus elementos a contribuir à compreensão das estruturas atuais e ao planejamento das do futuro.”<sup>1</sup>

As raízes do nosso pensamento, o pensamento ocidental, pertencem à cultura clássica greco-romana. Foram os gregos

que desenvolveram o pensamento racional, elaborando conceitos e preceitos dos quais, ainda hoje, milhares de anos depois, fazemos uso.

Muitos estudos já foram realizados sobre as duas civilizações, a grega e a romana. Sabe-se que a primeira influenciou a segunda, de modo que, nesse sentido, a grandeza alcançada pela Grécia a torna mais fascinante.

Entretanto, a dificuldade em desenvolver um estudo na Grécia Antiga é transparente. Não seria possível ter acesso aos textos originais. Outrossim, já existem várias obras que resumem brilhantemente a história do país sob todos os aspectos.

Para que o trabalho não se tornasse repetitivo, pensamos em buscar fontes que refletissem a sociedade da época, porque é a partir do conhecimento de uma sociedade que se pode entender todo o resto, o geral.

Tendo sido o século V a.C. o período de maior desenvolvimento de Atenas e por conseqüência da Grécia, o principal agente e ao mesmo tempo o principal representante desse desenvolvimento foi o teatro. A prova disso é que foi incumbido da função de educador moral e intelectual das massas. Isso lhe confere uma importância a qual não podemos ignorar.

Dessa maneira, a intenção foi a de recuperar a imagem da mulher dentro das peças teatrais, seguindo os preceitos da Nova História, que pretende a recuperação do indivíduo dentro da história, a história que se preocupa com o cotidiano, com a cultura, com o imaginário e com as mentalidades.

É lógico que não seria possível um estudo aprofundado de



todos os autores e seus respectivos trabalhos. O critério de escolha então utilizado, foi o de verificar os autores que mais se preocuparam com a problemática feminina: Aristófanes e Eurípedes. Observar também a forma de tratamento que eles dispensaram à mulher, já que suas posições políticas são diferentes. Ao contrário de Eurípedes, Aristófanes é um conservador e destacou-se pela produção de comédias.

Foram escolhidas três peças: A Revolução das Mulheres, A Greve do Sexo e Medéia.

A Greve do Sexo e a Revolução das Mulheres foram escolhidas pelos próprios títulos, que contém a questão feminina já implícita. São ambas de Aristófanes.

A Medéia é uma das obras mais expressivas de Eurípedes, que é chamado por alguns de feminista - um exagero!

Mas, se Eurípedes já levanta debates sobre a condição feminina e Aristófanes satiriza uma situação na qual a mulher possuiria amplos poderes, isso deixa dúvidas sobre a imaginada e defendida submissão da mulher grega. Será que ela aceitava passivamente a não-participação na vida pública?

Convém ressaltar que a preocupação fundamental deste trabalho não é a de reescrever ou copiar o que já foi dito e escrito sobre os aspectos políticos, econômicos, etc. O intuito foi o de buscar no pensamento grego, particularmente no teatro, as características da mulher grega, que tanto nos influenciou. Não se deve, portanto, esperar e procurar detalhes sobre a democracia e o escravismo. Poderão existir alusões a esses aspectos no que interesse ao tema.

É importante também que se tenha em mente que a mulher

aqui retratada é a mulher cidadã, que vive com seus pai ou marido cidadão. Sim, porque ela é entregue diretamente da casa paterna para a do marido.

O primeiro capítulo trata de uma pequena exposição sobre as características gerais da Grécia Antiga. A divisão dos períodos históricos, a formação da sociedade escravista e das cidades-Estado, principalmente as que mais se destacaram, Esparta e Atenas. A seguir, é feito um resumo da cultura ateniense no séc. V a.C., pois é nesse período que o trabalho se situa.

O segundo capítulo explica a origem do teatro, sua função e a maneira como eram feitas as representações. Consta também de um resumo das peças utilizadas, mostrando a posição de cada um de seus autores.

Finalmente, no terceiro capítulo, situa-se toda a questão da mulher, procurando nas peças e justificando através de trechos a elas pertencentes, um pouco da história feminina. É o momento onde se tenta achar a resposta à questão fundamental deste estudo, que é saber se houve um movimento de revolta, de rebeldia das mulheres contra o domínio opressor dos homens.



”...os gregos a quem devo tudo,  
a quem gostaria de dever mais,  
pois tudo o que sabemos de razoável  
sobre o universo e o homem,  
vem-nos deles...”

(ANATOLE FRANCE, A Vida em Flor I)

## CAPÍTULO I

### 1. FRAGMENTOS INICIAIS

Por volta do ano 2.000 a.C., as terras que hoje conhecemos por República da Grécia e os gregos antigos chamavam de Hélade, sofreram sucessivas invasões de povos indo-europeus:aqueus, jônios, eólios e a dórios. A miscigenação e a dominação entre esses povos fizeram surgir a civilização grega.

Convencionou-se dividir a história da Grécia antiga em Tempos Homéricos, Época Arcaica, Períodos Clássico, Helenístico e Romano. Os Tempos Homéricos ficaram assim conhecidos porque foi das duas obras de Homero, a Iliada e a Odisséia, que as informações da época inicial foram extraídas. A Época Arcaica vai de 800 a 500 a.C., aproximadamente. O Clássico, período de maior desenvolvimento, abrange principalmente o quinto século. O Helenístico, a época do domínio macedônico, segue até a fase de dominação romana.

A desintegração da comunidade primitiva resultou numa sociedade escravista. O desenvolvimento das forças produtivas havia gerado o excedente e a propriedade privada. Como toda riqueza era gerada da terra, os grandes proprietários e pequenos produtores centraram o poder em suas mãos. Esse poder era lhes conferido também pelas vitórias em guerras - a Grécia, particularmente, sempre esteve envolvida em conflitos, guerras

e combates. Os prisioneiros foram sendo escravizados, bem como os devedores. Essa situação toda se resume muito bem numa frase de Diakov e Kovalev quando dizem que:

“(...) os organismos dirigentes da democracia do clã se separam do povo e se tornam seu antipoda: organismos de domínio e opressão dirigidos contra o povo.”<sup>8</sup>

O solo grego é bastante irregular, pedregoso e recortado, características que favoreceram sua divisão em diversas pólis, em cidades-Estado. Como consequência disso, a cidade raramente possui vastas extensões. As exceções foram os casos de Atenas e Esparta, que Homero já nos mostra:

” Palas Atena, entrementes, a Esparta de vastas planícies se dirigiu...”<sup>9</sup>

Cercada de muros, consiste basicamente em uma praça de mercado (a Ágora), templos, escolas, ginásios de esportes e teatros, além da Acrópole, a colina mais alta onde fica a residência do rei.<sup>4</sup>

A organização política, econômica, social e religiosa fica a cargo dos seus habitantes, os cidadãos. O sistema de governo é a democracia - governo do povo. O que importa é o demos, o povo. Só que os escravos, as mulheres e os metecos (estrangeiros) não se enquadram nessa categoria e não participam absolutamente de nada. Os escravos sofriam interferências até em sua vida sexual, como revela Ciro Flamarion:

” Eu também mostrei a minha esposa as acomodações das mulheres, separadas das acomodações dos homens por uma porta trancada, de modo que (...) os escravos não pudessem ter filhos sem nossa aprovação.”<sup>5</sup>



É por isso que um governo injusto e discriminante se auto-intitula democracia. Uma democracia na qual,

“(...) uma casa servida por cerca de vinte escravos causa a impressão de extraordinária suntuosidade. Não possuir escravo algum é, em compensação, sinal de grande miséria.” \*

Os melhores exemplos de democracia foram Atenas e Esparta. Diferentes em alguns aspectos, não diferiam na defesa e manutenção do escravismo e do enorme valor dispensado à cidadania.

Esparta herdou de seus fundadores, os dórios, o autoritarismo e caracterizou-se por um regime repressor. A cidade era um imenso quartel. Os espartanos não podiam exercer outra profissão que não fosse a militar. A intenção era subjugar e controlar os periecos e hilotas, os não-cidadãos e os escravos, respectivamente, a maioria da população. Por causa dessa preocupação excessiva e obsessiva, isolou-se das demais regiões e assistiu de longe o desenvolvimento crescente de sua rival.

Certos fatores colocavam Atenas em situação mais confortável. Seu povoamento havia sido pacífico e localizava-se junto ao mar. Desde cedo mostrou-se uma região próspera, enriquecendo em todos os sentidos através do comércio marítimo realizado. Acrescenta-se ainda o fato de Atenas possuir a única cunhagem de moedas da época e a grande participação dos metecos.

Havia um afluxo muito grande de estrangeiros à pólis de Atenas, visto que esta assumiu o comando de todas as cidades



que, como ela, eram de origem jônica e situavam-se na região da Atica. A unificação dessas cidades sob suas diretas ordens transformou-a num pólo de desenvolvimento. Uma coisa leva à outra, prosperidade atrai prosperidade.

O século V a.C. foi a época em que a Grécia conheceu maior progresso. Foi também o período em que Atenas alcançou maior brilho e esplendor, destacando-se em todos os campos do conhecimento, sendo justamente por isso escolhido para servir como pano de fundo a essa pesquisa.

## 2. A CULTURA DO SÉCULO V a.C

O século V a.C foi o século que marcou a supremacia ateniense em relação às demais pólis, inclusive Esparta. O progresso dos cidadãos atenienses no campo da filosofia, arte e literatura lançou as bases para a formação da nossa cultura, a cultura ocidental.

O papel de Péricles, legislador e governante, foi fundamental para esse desenvolvimento. Foi ele que, aprimorando o sistema escravista, instalou as condições para que o regime democrático alcançasse maior êxito. E foi a atmosfera essencialmente democrática de Atenas que permitiu o seu próprio progresso. Esse "Século de Ouro" é, inclusive, também chamado de "O Século de Péricles".

"Péricles é, seguramente, a grande figura que domina este período. Grande, ele foi-o em particular, por ter sabido compreender a evolução da cidade e caminhar no sentido dessa evolução. Os seus sucessores (...) não terão a mesma largueza de vistas e falhariam ..."

A origem do universo, do homem e de todas as coisas enfim, sempre preocupou os gregos. Para explicar o que não conseguiram entender, criaram os mitos. Primeiro existia o Caos, de onde surgiu Gaia (a Terra). Vieram também a Noite e o Érebo, que geraram o Dia e o Éter. Gaia criou Urano, o Céu. A união entre Gaia e Urano resultou no nascimento de muitos filhos, as divindades primordiais. Desta maneira teriam surgido os primeiros representantes da humanidade.

O mito, porém, não é uma ficção, um produto da imaginação manipulado aleatoriamente, casualmente. Dentro de cada narrativa encerra-se um fundo de verdade.<sup>9</sup> O mito foi tão importante que até mesmo Platão desenvolve suas teorias, idéias e proposições através dos mitos, como pode ser observado em "Diálogos".

Pierre Grimal ressalta que

"o mito foi a fonte de toda a meditação dos gregos."<sup>9</sup>

Mas sempre preocupados com a lógica, em deduzir e encontrar a verdade, desenvolveram o pensamento racional. A passagem do mito à razão não se pode precisar, contudo, foi no século V a.C. que houve uma preocupação maior com a lógica e com a razão. Havia até mesmo uma corrente filosófica, a dos sofistas, na qual uma verdade poderia ser até deturpada desde que, apresentando um raciocínio lógico, convencesse o ouvinte. A sua preocupação fundamental era com a arte de bem falar, a notar nessa afirmação de Antifonte

"Tal o grão que se semeia na terra, tal o fruto que se pode esperar. E quando numa alma jovem semeia-se nobre cultura, dela brota uma flor que perdura até o fim e não é desfolhada nem pelo excesso, nem pela falta de chuvas."<sup>10</sup>

Existia um idéia fixa de reger tudo, separar o certo do errado, o bom do ruim, o belo do feio. A ordem e a lógica na sociedade eram vitais.

No campo da arte, os destaques principais foram a arquitetura e a escultura. Os templos representam a mais caracteris-



tica das construções gregas, embora não tenham sido criados especificamente nesse período. Há vários exemplos deles, com destaque para os mais famosos que se localizavam em Atenas: O Partenon e o de Hefaiostos. Eram construídos para o culto dos deuses - incentivado acima de tudo - e abrigavam portanto, as estátuas dos mesmos.

Desde o início, os deuses possuíam características antropomórficas, pois mantinham com os mortais uma estreita relação.<sup>11</sup> Então, as estátuas tinham como base representar o homem em seu aspecto mais natural, mais perfeito, dando vida à imagem fabricada.

De acordo com Susan Woodford,

“(...) quando olhavam para a estátua de um homem, os gregos (ao contrário de outros povos mais antigos) consideravam-na mais como um homem do que como uma estátua. Por conseguinte, exigiam que se assemelhasse a um homem, e foi para satisfazer essa exigência que se produziram imagens cada vez mais naturalistas.”<sup>12</sup>

É interessante perceber que, nessa época, surge uma nova tendência nas esculturas.

Os primitivos reproduziam preferencialmente a imagem da mulher, por personificar a fertilidade. Depois o corpo do homem começou a ser o preferido dos escultores, pela sua demonstração de músculos, de força, de poder.

Agora, o corpo feminino passa a ser adorado e cultuado pela suavidade de suas curvas, pela sensualidade transparente. O nu feminino ofusca o nu masculino e o coloca em segundo



plano. Eles admiravam o belo, e o belo é o corpo da mulher.

Quanto à literatura, a poesia dramática foi a que alcançou maior sucesso e maior popularidade. Da literatura simples, avançaram para a representação teatral, atingindo milhares de espectadores que vão assistir a essas representações. O teatro tornou-se importante a ponto de os governantes incentivarem a sua produção e incentivarem o público a participar e assistir, patrocinando até as entradas.

Dois gêneros foram desenvolvidos: a tragédia e a comédia. Os mais célebres trágicos foram Sófocles, Ésquilo e Eurípedes. O autor de comédias, Aristófanes, merece igual destaque.

A atmosfera democrática de Atenas fez com que o teatro se revelasse a mais característica das características do desenvolvimento alcançado pela pólis. Ao mesmo tempo contribuiu para esse desenvolvimento. Devido a essas circunstâncias, uma atenção especial deve ser dedicada às peças teatrais, ao seu conteúdo, à sua função e à sua participação nesse contexto.

''... Para mim, a vida é a miniatura  
do teatro. Ele a aumenta, a embeleza,  
a sublima....''

(PROCÓPIO FERREIRA, prefácio a ''Deus lhe pague ''  
de Joracy Camargo)

## CAPÍTULO II

### 1. UMA CRIAÇÃO FABULOSA: O TEATRO

O surgimento do teatro está ligado à religião.

Os gregos cultuavam vários deuses. Cada cidade possuía um deus protetor, o que não impedia que os demais fossem venerados. Dessa forma, a religião sempre se mostrou um fator unificante das diversas pólis.

Atenas, da mesma forma que se tornara a capital sob todos os aspectos, era ainda a capital das festas religiosas, que eram muitas. As mais importantes porém, eram as Panatenéias e as Dionisiacas.

A primeira, realizada uma vez por ano, era dedicada à deusa Atena e servia para celebrar a criação da cidade. Ultrapassavam essas comemorações, o sentido essencialmente religioso, atingindo um caráter mais recreativo, com eventos variados, do campo artístico ao esportivo. Os governantes eram os primeiros a incentivar as competições e os eventos, como declara o próprio Péricles:

“(...) Acrescentemos que nossa fadiga encontra, frequentemente, alívio no repouso espiritual: temos concursos e festas religiosas durante todo o ano.”<sup>12</sup>



Como sempre, a religião consiste numa forma de suprir as necessidades materiais através do espiritual, desviando a atenção da população dos problemas (nesse caso, desviando a atenção das desigualdades da democracia).

As Dionisiacas têm uma origem bastante interessante. Conta a lenda que Dioniso ensinou ao povo grego o segredo da plantação de vinhas, só que depois veio um bode e destruiu tudo. Os homens, por sua vez, mataram o bode e vestiram sua pele, fazendo festa, dançando e cantando.

Dedicadas, então, ao deus do vinho, Dioniso, eram realizadas várias vezes por ano.<sup>14</sup> O seu caráter era excessiva e predominantemente popular e da orgia. O próprio Dioniso era

''(...) um deus popular (...) da festa, do êxtase (...) e dos ritos orgíacos.''<sup>15</sup>

Nas festas, os cânticos (ditirambos) eram entoados por um coro, formado pelos coreutas. Aos poucos, uma parte dos coreutas passou a perguntar e a outra parte a responder, dando início aos diálogos e representações. O surgimento do ator propriamente dito, deu-se por volta do século VII a.C.

Um dos concursos realizados tinha como finalidade escolher o melhor texto, a melhor história sobre o deus, já que todas as representações a ele se referiam. Um só ator fazia todos os papéis, usando máscaras. O segundo ator só iria surgir quase dois séculos depois, introduzido por Ésquilo. Sófocles introduziu o terceiro ator. Eram todos (os atores) do sexo masculino:

✦ a mulher grega não participava absolutamente da vida pública.

'' A mulher (...) não sai (...) Os deveres primordiais da esposa são: dirigir as questões internas da



casa, zelar pelas vestes, ocupar-se dos filhos.”<sup>16</sup>

O público que ia assistir aos espetáculos também era formado por homens.

”Você sim ! (Mostrando os espectadores)

Todos os homens !”<sup>17</sup>

Devido à popularidade crescente, os textos começaram a tratar de outros deuses e os locais de representação passaram, de uma simples armação de madeira improvisada, a enormes teatros, construídos com capacidade para abrigar milhares de expectadores.

Não eram representações como as que assistimos hoje em qualquer teatro. O público participava ativamente. Não existia o afastamento que distancia e separa os atores e as pessoas atualmente, quando a manifestação usual resume-se a aplausos. Afinal de contas, o discurso do teatro era destinado às massas. As representações suscitavam a platéia a se manifestar, integrando-a também ao espetáculo. O objetivo inicial de louvar ao deus foi sendo preterido em favor da platéia que assume significativa relevância.

Percebe-se a importância do teatro pela própria tarefa para a qual ele foi nomeado, a tarefa de promover a

”(...) educação intelectual e moral postulada pela concepção pericleana de democracia.”<sup>18</sup>

A finalidade dos espetáculos era incentivar a reflexão política fora da assembleia. Péricles tinha a firme determinação de aprimorar o sistema democrático-escravista e para tanto,

fez do teatro o principal órgão divulgador desse regime. E ele conseguiu o seu intento, fortalecendo o escravismo, apesar de ter dado maior atenção às camadas populares, ao contrário dos demais governantes. Junto com os mais ricos e abastados, financiava as entradas da parte mais carente da população.

Dois gêneros dramáticos foram produzidos. Primeiramente a tragédia, depois a comédia. Os três autores trágicos que mais se destacaram foram Ésquilo, Sófocles e Eurípedes. Aristófanes destacou-se no gênero da comédia.

Ésquilo coloca o homem como vítima incondicional da vontade divina. Os deuses comandam a vida dos mortais, os quais, na maioria das vezes, passam por terríveis provações e sacrifícios. Em "Prometeu Acorrentado", como o próprio título já revela, Prometeu é acorrentado no monte Cáucaso por Zeus, que envia uma águia para comer seu fígado.

Sófocles, por outro lado, defende o homem, colocando-o em primeiro lugar nas suas peças. Todavia, o homem está sujeito às ações do destino, a perceber pela história de Édipo (em Édipo Rei). Ele foge para não assassinar o pai e casar com a mãe, e sem saber, faz exatamente isso.

Para Eurípedes, o homem também está em primeiro plano, só que ele é responsável pelo seu destino, ao contrário do que pensa Sófocles. Foi o que mais se preocupou com a temática feminina, como é o caso da Medéia, peça que nós estudamos mais profundamente.

Medéia era uma mulher considerada feiticeira. Apaixonada por Jasão, fez tudo por ele, até assassinar o próprio irmão. Teve dois filhos com ele.



Em Corinto, cidade onde a família havia ido morar, o rei Creon ofereceu a mão de sua filha Creúsa a Jasão. Este aceitou, abandonando Medéia, que foi expulsa da cidade.

Magoada com a atitude de Jasão, ela resolve se vingar e mata o rival, juntamente com o pai, enviando presentes envenenados. Logo em seguida, mata os próprios filhos, a fim de que o marido traidor seja punido.

” Quando eu tiver esmagado toda a casa de Jasão, deixarei esta terra, fugindo depois do assassinio de meus queridos filhos, uma vez que me atreverei a executar o mais impio dos feitos ... Assim meu marido será castigado.”<sup>19</sup>

Depois disso, ela vai embora da cidade partindo para sempre.

A história de Medéia retrata uma cena comum até mesmo hoje em dia, quando um homem abandona a companheira por outra mais nova e que dispõe de mais prestígio e dinheiro.

A trama desenvolve-se a maior parte do tempo através de diálogos entre o coro e a Medéia. Mostra todo o conflito e o rancor da protagonista, o conflito de ser mãe e matar os próprios filhos, e o rancor por ter sido abandonada por aquele que ama.

Medéia é um ótimo exemplo da obra de Eurípedes: ela é a responsável pelo seu destino. Poderia ter lutado por Jasão, mas prefere fazê-lo sofrer, mesmo que com isso sofra também. Demonstra toda a força feminina que, mesmo amando os filhos, mata-os com as próprias mãos.

A mulher também aparece com freqüência na obra de Aristófanes. Utilizando-se de diálogos e piadas mordazes, ele zomba da sociedade e dos governantes. Vários trechos demonstram a insatisfação do autor.

''Todas as leis, quando bem examinadas, parecem ter sido feitas para bêbedos bem perto da demência.''<sup>20</sup>

''(...) não posso deixar de afligir-me ao ver o estado de decomposição em que se encontra a administração do país. Vejo-o sempre entregue a maus dirigentes.''<sup>21</sup>

Aristófanes defendia o fim das guerras. Propõe o seu fim na '' Greve do Sexo '', outra peça que será utilizada neste trabalho.

Os homens partiam para lutar e muitas vezes não voltavam. E se voltavam, às vezes isso demorava a acontecer. As mulheres, então, ficavam muito tempo sozinhas, à espera dos maridos e filhos guerreiros.

''(...) quando eles embarcam soldados  
elas tecem longos bordados.  
Mil quarentenas.  
E quando eles voltam sedentos,  
querem arrancar violentos,  
carícias plenas,  
obscenas (...)''<sup>22</sup>

Um dia, Lisístrata - uma dessas mulheres -, cansada dessa situação, resolve reunir as amigas e fazer uma greve do sexo: não manter relações sexuais com os maridos enquanto eles não mudassem e parassem de lutar.



Os atenienses e espartanos são chamados e conversam para para tentar a conciliação. Como não resistiam viver sem sexo, decidem negociar a paz.

A peça narra com humor delicioso as peripécias das mulheres tentando não se render ao desejo íntimo de se entregar e a relutância dos homens em aceitar a situação.

Na verdade, o texto mostra uma pequena guerra entre os sexos, na qual a mulher luta com a única arma que tem, ou seja, o seu corpo. Privar o companheiro de sexo é a única forma de lutar e se mobilizar, já que interferências em assuntos políticos ou econômicos estão fora de cogitação, como já foi anteriormente explicado.

Todavia, não se deve pensar que Aristófanes deseja pregar a liberdade e superioridade femininas. Ao contrário, o seu intuito é o de satirizar e ridicularizar o papel da mulher, manifestando-se contra a evolução que tomava conta de cidade; evolução que fica bem clara em *Revolução das Mulheres*, terceira peça estudada mais detalhadamente.<sup>23</sup>

'' Isso acontecia no regime antigo, quando só se pensava em um lado dos problemas.'' <sup>24</sup>

Ele notava as mudanças e alertava para que houvesse um retorno ao passado.

'' Quanto ao povo aqui presente, será que todos concordarão com as inovações? Não quererão continuar apegados aos hábitos e coisas antigas?.'' <sup>25</sup>

O seu conservadorismo é percebido ainda quando as mulheres, após iniciarem a sua '' revolução'', respondem à se-

guinte questão:

'' Mas quem vai cultivar a terra ?

Os escravos. '' <sup>26</sup>

Portanto, a intenção de Aristófanes em idealizar uma situação em que as mulheres estariam no poder, ele, um aristocrata conservador, demonstra o receio de que isso aconteça. E se ele tem medo de que isso aconteça, será que a mulher se encontra assim tão quieta e resignada ?

''...A vida que me ensinaram  
como uma vida normal,  
tinha trabalho, dinheiro,  
família, filhos e tal.  
Era tudo tão perfeito  
se tudo fosse só isso,  
mas isso é menos do que tudo  
é menos do que eu preciso...''

(KID ABELHA e OS ABÓBORAS SELVAGENS,  
Educação Sentimental II)



## CAPÍTULO III

### 1. PRINCÍPIOS DE SUBJUGAÇÃO

Já desde o desaparecimento da comunidade primitiva, a posição da mulher passou a ser secundária.

No início, assim como os homens, elas asseguravam o sustento do grupo, ao mesmo tempo em que cuidavam das tarefas domésticas. Segundo Engels,

”(...) cada um manda no seu domínio: o homem na floresta, a mulher em casa. Cada um é proprietário dos instrumentos que elabora e usa: o homem possui as armas e os petrechos de caça e pesca, a mulher é dona dos utensílios caseiros.”<sup>27</sup>

Mas isso significava apenas uma distinção natural. A constituição física de cada um determinava a divisão das tarefas. Por causa da superioridade física que lhe é natural - desenvolve, por exemplo, mais músculos - o homem se impôs. A maior capacidade e facilidade de realizar trabalhos pesados, no entanto, não o impede de ajudar em outros setores: e vice-versa, a mulher é capaz de executar tarefas além do seu alcance natural. Dessa maneira, a subjugação à qual a mulher foi submetida é compreensível mas não aceitável ou justificável.

A mulher primitiva possuía um papel muito importante. Como era perfeitamente comum manter relações sexuais com vários parceiros, era difícil saber quem era o pai e a linha de sucessão era feita pelo lado materno - obviamente sabia-se quem era a mãe. Quando o bem deixou de ser comum e o homem tornou-se proprietário particular de algum patrimônio, surgiu a necessidade de distinguir e restringir seus herdeiros. Quem teve os direitos modificados foi a mulher. Dela foi exigida a virgindade ao casar e a fidelidade após a união. A matrilinearidade deu lugar à patrilinearidade.

Esse cerceamento à liberdade feminina existe porque ela é quem dá a luz e pode, com isso, desorganizar a família, o princípio de tudo, de todas as instituições e organizações.<sup>22</sup> A formação e definição de família, pai, mãe e filhos, que existe dentro de uma casa, de um lar, transpõe para os outros órgãos, setores e instituições a sua hierarquia, necessária para o funcionamento dos mesmos. Os pais representam os chefes, e os filhos assim como qualquer outra relação de parentesco (irmãos, tios, primos, etc.) seriam seus assessores diretos.

Até mesmo a religião - responsável pela criação da família - dispõe de divisões e hierarquias nas quais o chefe supremo age como o pai de todos os seus seguidores. Todos agem como se fossem uma família, pois formam um grupo de pessoas que, mesmo sem relações de consangüinidade, unem-se por crenças e caracteres comuns.

O casamento foi então criado para que houvesse uma ordem nas famílias, procurando evitar o incesto. Em "Revolução das Mulheres", uma moça tenta dissuadir uma velha de dormir com um rapaz, argumentando:



''- Você está louca ? Você não vê logo ? Moço como é, ele não tem idade para deitar com você, que podia ser mãe dele ! Se a moda pegar você vai haver um incesto por aí !''<sup>29</sup>

O incesto é um tema específico da peça ''Édipo Rei'', mas não deixa de ter relação com nosso estudo, já que condenar a relação mãe/filho é uma forma de repressão sexual.

A família é uma instituição considerada tão importante que

''(...) em Atenas, a lei encarregava o primeiro magistrado da cidade de zelar para que nenhuma família se extinguisse.''<sup>30</sup>

O homem, o chefe, era obrigado a se casar para construir família e gerar herdeiros. Essa foi a função primordial do casamento: a procriação. Os filhos formavam a parte mais essencial, a base da união. Essa idéia nos é transmitida pelo espanto de Medéia quando Egeu, um peregrino, lhe diz:

''- Estou procurando saber como posso ter filhos.  
- Em nome dos deuses, o que tem sido a tua vida até agora sem filhos ?.''<sup>31</sup>

Havia uma preferência pelos filhos do sexo masculino. O nascimento de uma menina era um tanto indesejável porque ao casar, iria pertencer ao marido. Mas menino ou menina, os filhos constituem-se na parte mais importante. Medéia diz a Jasão:

''Deixa-me ficar apenas hoje, e imaginar um meio para que eu possa melhor partir e cuidar dos meus filhos (...) as vítimas desse infortúnio.''<sup>32</sup>



Aliás, a preocupação dela com as "vítimas desse infortúnio" e o subsequente assassinato das mesmas, traz à tona uma questão polêmica que é a do instinto materno ser inerente ao sexo feminino. O coro afirma que:

"(...) Ela passou a detestar os filhos e não se comprou em vê-los..."<sup>33</sup>

Mas no caso de Medéia, a necessidade do amor e do afeto de Jasão vêm em primeiro lugar. Essa é a razão de sua atitude. Medéia é um exemplo de força e coragem, mas é triste ter que reconhecer que a situação da mulher geralmente era muito difícil, como relata a própria Medéia.

"Antes de mais nada, temos, custe o que custar, de arranjar um marido e escolher para nós mesmas um senhor, sendo esse último mal ainda pior que o outro. Ora, há um imenso risco que se corre nisso, de se escolher um bom ou um mal, pois as separações não são honrosas para as mulheres e não é possível repudiar um marido (...) se o marido compartilha de boa fé o jugo do casamento ao nosso lado, o nosso destino é digno de inveja. Se for o contrário, é preferível morrer."<sup>34</sup>

O homem desvaloriza a mulher, cujo único destino é o casamento. Sim, porque o homem se acha superior a tudo e a todos. Não há o que temer. Seus atos não serão questionados, mesmo quando desenvolvem o "amor grego". Esse amor, ao invés de condenado<sup>35</sup>, é incentivado.

Michel Foucault nos diz que os gregos tinham por bem provar e experimentar os prazeres e aprender a lidar com eles,

buscando a temperança, ou seja, a moderação. A temperança é uma das virtudes fundamentais que o homem deve possuir e exerce a função de disciplinar os prazeres e os desejos. Bem como sábio, justo e corajoso, o homem deve ser temperante, e para tanto, deve ceder a esses desejos porque é um meio de conhecê-los e saber usá-los depois, moderadamente.

Foucault lembra ainda que os sofistas pregavam um combate do homem contra o "feio e o mal" para que triunfasse e pudesse afirmar que era virtuoso. Através da vitória nesse combate alcança-se a virtude. O corpo e os desejos e vontades a ele peculiares devem ser controlados mas devem, acima de tudo ser exercidos, e é por isso que o "amor grego" não é condenado. É até normal e corriqueiro.

"(...) Quando um homem se cansa da vida doméstica, procura consolo para o seu aborrecimento na sociedade de um amigo ou camarada." 36

É compreensível que ele se ligue mais ao seu colega ou amigo. A vida pública, intelectual, e econômica pertence exclusivamente aos homens. A mulher não sai de casa e é assim que eles acham que deve ser. O homem se coloca em posição de superioridade e nunca espera uma reação feminina.

"(...) Acontece tanta coisa inesperada nesta vida ! Nunca imaginei que as mulheres criadas por nós, essas pestes dentro de nossas casas, assaltassem a Acrópole e ocupassem o tesouro." 37

E são indícios de uma reação feminina que estamos procurando.



## 2. A MULHER ATENIENSE: SUBMISSA OU SUBVERSIVA ?

A vida da mulher ateniense não era o que se pode chamar de confortável. Exatamente como os escravos, seu "modus vivendi" era ditado pelos cidadãos, seus pais, maridos e irmãos. Não podiam interferir em qualquer assunto que não lhe fosse pertinente, e o único no qual ela poderia interferir era no que se referisse aos afazeres domésticos. Além disso, seu dever era cuidar dos filhos, mas os do sexo masculino ficavam pouco tempo sob suas ordens: só até os sete anos. As filhas ficavam na casa dos pais até casarem, quando passavam para a casa do marido.

Havia uma preocupação muito grande em reprimir e subjugar a mulher. Ela era até mesmo desprezada, já que os homens podiam ter amantes, tanto do sexo masculino como do sexo feminino. Mas como o sexo com uma mulher não era muito apreciado, os gregos ligavam-se preferencialmente aos rapazes. Catherine Salles, no livro "Nos Submundos da Antiguidade", explica que o sentimento destinado às mulheres era o de puro prazer físico, uma necessidade do corpo humano, inerente a ele mas normalmente considerada vulgar. Sendo vulgar o desejo por uma mulher, esse tipo de relação jamais levaria ao verdadeiro amor e nem levaria à virtude almejada por eles. Ao contrário, o sentimento que um homem sente por um jovem rapaz, penetra na alma e conduz à virtude, significando o verdadeiro amor.

Todavia no século V a.C., certas circunstâncias nos fazem desconfiar da total submissão feminina.

Como já foi exposto anteriormente no primeiro capítulo, A-



tenas alcançou grande desenvolvimento nesse período. Novas idéias e teorias foram produzidas e difundidas, sendo que todas elas levavam ao aperfeiçoamento da democracia, do escravismo, da cidade-Estado. O principal era organizar a sociedade e definir o papel condizente a cada um **dos segmentos** sociais, o dos cidadãos, dos metecos, dos escravos... e das mulheres.

As peças teatrais, que tiveram uma função considerável na educação da época, são as fontes mais conservadas e mais expressivas daquela sociedade. E nelas podem ser encontradas histórias e figuras de mulheres fortes e decididas, bem diferentes daquelas que são habitualmente lembradas e mencionadas como criaturas apáticas, passivas, inexpressivas, hesitantes, tímidas e acanhadas.

Aristófanes e Eurípedes, os autores aqui observados, utilizavam muitas personagens femininas expressivas. Aristófanes era um aristocrata. Eurípedes era de origem modesta mas recebera educação aprimorada. Se autores tão credenciados caracterizam suas personagens assim, se eles se propõem a debater esse tema, é porque talvez algo estivesse acontecendo. Não um movimento feminista, mas uma tentativa por parte das mulheres de questionar o jugo ao qual estavam submetidas.

Aristófanes sugere, em "Revolução das Mulheres", que se elas sabem administrar a casa, saberão administrar a cidade. Em "A Greve do Sexo", apresenta uma solução para o fim da guerra. A guerra existia. Será que não existia também a vontade das mulheres de sair de casa e participar da vida pública? A intenção de Aristófanes seria alertar contra isso, assim como pretendia alertar contra a guerra e a modernidade?

Seria a modernidade a liberação feminina ?

Há passagens que nos fazem crer que sim.

''Apesar de termos combinado tudo direitinho na nossa última reunião secreta, nenhuma das nossas correligionárias apareceu até agora! E está chegando a hora da assembléia ! Temos de ocupar já os lugares onde até agora os homens públicos falavam das mulheres públicas.'' 36

O ponto no qual devemos nos centrar nessa fala de Valentina (Praxágora), é quando ela fala de ''reuniões secretas''. Tomando-se como fato que essas reuniões existiam, eram realizadas para que as mulheres conversassem sobre algo mais que bordados, vestes, filhos e empregadas. Conversavam sobre assuntos que lhes eram proibidos, ou não haveria necessidade do sigilo. Por que não poderia ser sobre um avanço, uma mudança no sistema? Só o fato delas existirem já denota uma mobilização.

Como a própria Valentina revela, as mulheres não eram burras ou desligadas.

''Ao invés de conversar com meu marido sobre a carestia da vida e os defeitos das empregadas eu pedia a ele para me contar o que se passava na Assembléia.'' 37

Atentas ao que os homens conversavam ou comentavam, adquiriam condições de debater assuntos políticos ou econômicos. Apesar dos homens não esperarem nunca uma reação feminina, ela poderia acontecer.



Eurípedes também mostra Medéia como uma mulher decidida, capaz de desafiar Jasão e enfrentar sua ira.

Quando a ama de Medéia diz que

''(...) por um lado, ela agradou aos cidadãos para cuja terra veio e, por outro lado, estava de acordo com Jasão a respeito de tudo. Essa é a maior de todas as proteções! Não estar a esposa em desavença com o marido.'' 40

o seu discurso conduz a duas significativas interpretações.

A primeira diz respeito à cidadania. Assim como em outras partes da peça, há a preocupação em ratificar a importância da cidadania. O dilema da protagonista refere-se também ao fato de que ela está exilada de sua pátria porque os oriundos de uma cidade eram considerados estrangeiros em outra, e os estrangeiros não eram muito benquistos.

A segunda diz respeito à necessidade que os gregos tinham em discernir o certo do errado, o bom do ruim. Eles estavam pondo a sociedade em ordem e o discurso devia colaborar, ou até mesmo intervir nesse sentido. Urgia pregar a imagem da mulher como um ser calmo e quieto. Se a mulher deveria ser calma e quieta é porque talvez ela não fosse nada disso. Se a esposa não deve ter desavenças com o marido, esse discurso dá a idéia de que existiam desavenças. O raciocínio de que Medéia era passiva e aceitava tudo quieta, simplesmente não se pode aceitar.

Um fator que pode ter influenciado as idéias liberais foi o grande afluxo de estrangeiros à pólis. A prosperidade de



Atenas os atraía. Crouzet lembra inclusive que os escravos urbanos tinham melhores condições de vida e compartilhavam com as donas de casa uma relação muito próxima. Ele fala que existia até uma "dedicação recíproca" (sem qualquer insinuação de relações mais íntimas). Assim sendo, conversando com os escravos estrangeiros (ou mesmo somente estrangeiros), elas podem ter ouvido histórias de lugares onde a situação da mulher era diferente da sua.

Como alusão a uma liberdade sexual feminina, há trechos referentes a amantes que as mulheres possuíam.

"Amam os maridos como antigamente; têm amantes como antigamente." 41

"Não deixarei nenhum homem, seja amante ou marido, (...) chegar perto de mim." 42

Se isso acontecia, pode ser que fosse mais uma das razões para a subjugação, afinal, o que aconteceria se a mulher, de repente, começasse a parir filhos de estrangeiros, por exemplo? A ordem na sociedade e a cidadania deixariam de existir. O mesmo aconteceria em relação aos escravos.

É por isso que o homem teme a mulher, e o marido teme a esposa. Ele receia sobre o poder que, na verdade, é ela quem possui, o poder de engravidar e dar à luz. Se ela for livre para fazer o que bem entende, viver como bem entender, tudo muda de figura, pois constituem-se na metade da população.

A contradição existente entre o desprezo à mulher dedicado e a exaltação de sua beleza na escultura é uma prova de que o

grego sabe o potencial que existe dentro de cada uma das

''(...) criaturas odiadas pelos deuses e autores de tragédias.'' 42

Outra prova disso é mostrada por Aristóteles. Ele fala de um legislador que resolveu isolar as mulheres para que não gerassem filhos, incentivando as relações homossexuais masculinas.

A razão encontrada para a subjugação feminina tem respaldo na sua sexualidade (dela). Se ocorrer uma liberação sexual, ela passará a ditar as regras, aliás, não haveria regras. Por isso ele faz o que está ao seu alcance para evitar que isso aconteça.

Entretanto, percebe-se um certo cansaço por parte das mulheres. Medéia mostra-se revoltada por ter feito tudo por Jasão - incluía-se em seus atos o assassinato do próprio irmão - e receber como retribuição o desprezo. Será que essa atitude de revolta de Medéia não expressa a revolta feminina ?

Se elas não estavam satisfeitas, a arma que lhes restava para lutar era o seu corpo. Ou as fivelas dos cintos, como nos conta Heródoto, na seleção de Jaime Pinsky: quando as mulheres atenienses souberam que seus maridos haviam morrido atacaram o informante do acontecido com as fivelas de seus cintos.

''Isto foi o seu fim, e para os atenienses o crime de tais mulheres pareceu mais terrível ainda que sua derrota.'' 44

O episódio é mais um exemplo de como as mulheres eram po-

derosas e astuciosas, nunca tolas ou indolentes.

Essa última citação serve também para mostrar que o homem se considera superior: para os atenienses perder dezenas de homens em um combate foi menos grave do que um bando de mulheres usar as fivelas dos cintos para bater em um deles.

Serve também para ilustrar a subversão das mulheres e a resistência dos homens: temendo qualquer outro ataque, eles ordenaram que elas mudassem suas vestes e que fosse abolido o uso de cintos.



''...Gata borralheira,

você é princesa.

Dondoca é espécie em extinção...''

(RITA LEE e ROBERTO DE CARVALHO, Cor de Rosa Choque)

## CONCLUSÃO

Ao final dessa pesquisa, faz-se necessário dizer que o teatro grego não viveu muito mais do que o seu período de maior popularidade e importância, o período que acabamos de comentar. No século IV a.C., diminuiu sensivelmente o número de novas peças a serem representadas, tanto é que as obras imortais pertencem justamente aos autores do século anterior: Ésquilo, Sófocles, Eurípedes e Aristófanes. Além disso, o número de atores que se apresentavam permaneceu sempre o mesmo.

Pode ser que como o teatro nasceu ligado a orgia e erotismo - elementos peculiares e fundamentais das Dionisiacas -, e possuía um papel de educador, houvesse medo de perturbar a ordem. Sim, porque a representação teatral originou-se nas festas a Dioniso e o conteúdo das peças referiam-se, portanto a ele. Depois, quando tornou-se popular e as peças tratavam de outros assuntos, o teatro passou a divulgar as idéias que se formavam naquele período, tornando-se o divulgador do discurso da ordem, da lógica e da razão.

As peças aqui estudadas contêm elementos que nos levaram a pensar na possibilidade de um movimento, isto é, um começo de mobilização feminina.

O pensamento de Eurípedes, com sua temática feminina, foi retratado pela personagem de Medéia, mulher forte e valente, sem dúvida alguma. Lisístrata e Valentina (Praxágora) são também exemplos de coragem e de inteligência. Por que iriam caracterizar personagens femininas assim, quando não existiam? Por que fazer o contrário do que era comum: colocar a

mulher como um zero à esquerda ?

Ora, a mulher vinha perdendo espaço desde muito antes, quando originou-se a patrilinearidade, suprimindo a matrilinearidade. Será que ela não sentiu, nesse momento de grande momento de evolução ateniense, que a sua involução e subjugação haviam chegado ao máximo que poderia suportar ? Não estaria ela cansada da vida que levava ? Não quiseram os autores refletir esse descontentamento de uma das metades da população ? Pode ser que sim.

Infelizmente, não podemos afirmar com certeza que houve um momento no qual a mulher quis reivindicar os seus direitos como ser humano e se libertar.

O fato é que quando se trabalha com história antiga, trabalha-se somente com hipóteses, e a tarefa de levantar hipóteses foi cumprida. Não se pode pensar que hipóteses não sirvam de contribuição para este ou aquele assunto. Ao contrário, a partir de hipóteses, a partir das possibilidades e impossibilidades, é que se chega a um veredito.

Entretanto, qualquer tentativa feita pela mulher para exprimir a sua insatisfação foi suprimida. Os homens subjugaram mesmo a mulher porque essa foi a herança legada. O que mudou nesses milhares de anos ? Praticamente nada. Quando a religião católica passou a ser predominante, a religião deu o seu empurrãozinho para a subjugação feminina: da mesma forma que a mitologia grega, adotou um deus supremo masculino.

Na "Política", de Aristóteles, percebemos como ele concebia os dois sexos. A mulher pode possuir vontades e dese-



jos, porém de maneira fraca. O homem é o ser mais perfeito e deve, por causa disso, ter poderes sobre o mais fraco, a mulher. Ela não pode ter a mesma coragem, o mesmo temperamento ou a mesma justiça destinada ao homem. Logo, qualquer avanço que poderia ter existido é refreado.

Se houve subversão, os homens a eliminaram. Se a mulher não fosse reprimida, poderia explorar também a sua sexualidade e começar a produzir frutos indesejáveis aos nobres cidadãos desorganizando os conceitos de cidadania.

Contudo, parece que a mulher grega do século V a.C. distancia-se da Penélope que esperou pacientemente durante 20 anos, tecendo, fiando e desfiando as saudades e angústias da solidão contida, a volta do seu grande amor, Ulisses.

## NOTAS

- ( 1 ) "A Importância da História Antiga na Compreensão do Processo Histórico" in, Anais do I Simpósio Nacional de História Antiga, MELLO, Maria Martha Fimentel de, João Pessoa, Imprensa Universitária, 1984, p.6.
- ( 2 ) DIAKOV & KOVALEV (orgs.). História da Antiguidade. Lisboa, Estampa, 1976, 3ª ed., p.94.
- ( 3 ) HOMERO. Odisséia. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro, Editora Três, 1974, p.206.
- ( 4 ) Na mitologia grega, inclusive, havia um monte sagrado, o Olimpo, onde as divindades mais importantes moravam e de onde comandavam tudo. Os deuses eram Hera, Artemis, Ares, Hades, Hefestos, Atena, Deméter, Apolo, Afrodite, Hermes e Poseidon, além de Zeus, o deus supremo. "Zeus pai, que tens sobre os deuses e os homens completo domínio, há pouco enviaste um trovão estrondoso do Olimpo estrelado..." (HOMERO, op. cit., p.276).
- ( 5 ) CARDOSO, Ciro Flammarion S. Trabalho Compulsório na Antiguidade. Rio de Janeiro, Graal, 1984, p.109.
- ( 6 ) CROUZET, Maurice (org.). História Geral das Civilizações, Tomo I, Volume 2: O Oriente e a Grécia Antiga. Tradução de Pedro Moacyr Campos. Rio de Janeiro / São Paulo, Difel, 1977, 5ª ed., p.135.
- ( 7 ) MOSSÉ, Claude. As Instituições Gregas. Tradução de Antônio I. Dias Diogo. São Paulo, Livraria Martins Fontes, -, p.40.
- ( 8 ) Uma das razões da vitória ateniense sobre Tebas, por exemplo, é justificada pela figura de Édipo. Segundo a lenda, o lugar onde ele se enterasse seria protegido pelos deuses, e esse lugar foi Atenas. Um resumo da vida de Édipo pode ser observado no Dicionário de Mitologia Greco-Romana, São Paulo, Abril Cultural, 1973, pp.54-55.
- ( 9 ) GRIMAL, Pierre. A mitologia Grega. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, São Paulo, Brasiliense, 1983, 2ª ed., p.11.
- (10) História do Pensamento, Volume 1: Das Origens à Idade Média. São Paulo, Nova Cultural, 1987, -, p.47.



- (11) A relação mortal/divindade era comum. Os deuses sempre estavam envolvidos em conflitos com os mortais como, por exemplo, no caso do nascimento de Héracles. Zeus engravidou uma mortal, Alcmena, e Hera, sua esposa enciumada, tentou impedir que a criança viesse ao mundo, porém sem êxito. Hera, então, passou a perseguir o rapaz por toda a vida.
- (12) WOODFORD, Susan. História da Arte da Universidade de Cambridge: Grécia e Roma. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo, do Livro, \_\_, p.29.
- (13) PINSKY, Jaime (org.). 100 Textos de História Antiga. São Paulo, 1980, 3ª ed., p.95.
- (14) A Grécia sempre se destacou na plantação de vinhedos. Nas Antesterias se provava o vinho novo e as Ostoforias acompanhavam a colheita. As Grandes Dionisiacas eram festas urbanas realizadas no mês de março. As Pequenas Dionisiacas eram festas campestres realizadas após a vindima no mês de dezembro.
- (15) FINLEY, M.I. Os Gregos Antigos. Tradução de Artur Morão. São Paulo, Livraria Martins Fontes, \_\_, \_\_, p.86.
- (16) CROUZET, op.cit., pp.142-143.
- (17) ARISTÓFANES. A Revolução das Mulheres / A Greve do Sexo. Tradução e adaptação de Mario da Gama Kury. São Paulo, Brasiliense, 1988, p.182.
- (18) CROUZET, op.cit., pp.182.
- (19) EURÍPEDES. Medéia. Tradução de David Jardim Júnior. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1988, pp.40-41.
- (20) ARISTÓFANES, op. cit., p.58
- (21) ibidem, p.59.
- (22) CHICO BUARQUE. Mulheres de Atenas, in Meus Caros Amigos, 1976.
- (23) Embora tenha sido apresentada já no começo do século IV a.C, consideraremos que Aristófanes viveu entre um século e outro, o que torna a peça ainda válida para o nosso trabalho.
- (24) ARISTÓFANES, op.cit., p.73.
- (25) ibidem, p.71.



- (26) *ibidem*, p.74.
- (27) ENGELS, Friedrich. A Origem da Família da Propriedade Privada e do Estado. Tradução de Leandro Konder. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982, 8ª ed.
- (28) Com relação a esse controle, isso é fácil de se feito porque é possível saber se a mulher é virgem ou não. A porta é trancada e controlada para evitar a entrada e a saída de elementos indesejáveis.
- (29) ARISTÓFANES, *op.cit.*, pp.86-87.
- (30) COULANGES, Fustel de. A Cidade Antiga. Tradução de Jonas C. Leite e Eduardo Fonseca. São Paulo, Hemus, 1975, p.41.
- (31) EURÍPEDES, *op.cit.*, p.36.
- (32) *ibidem*, p.26.
- (33) *ibidem*, p.16.
- (34) *ibidem*, pp.22-23.
- (35) Utiliza-se aqui a expressão "condenado" porque o homossexualismo não procria, não reproduz.
- (36) EURÍPEDES, *op.cit.*, p.23.
- (37) ARISTÓFANES, *op. cit.*, p.20.
- (38) *ibidem*, p.54.
- (39) *ibidem*, p.61.
- (40) EURÍPEDES, *op.cit.*, p.15.
- (41) ARISTÓFANES, *op. cit.*, p.60.
- (42) *ibidem*, p.18.

(43) *ibidem*, p.21. O fato de que as mulheres são odiadas pelos deuses e autores trágicos, reporta-se à lenda de Pandora, a responsável pela desgraça da humanidade. Não resistindo à curiosidade, ela abriu a caixa que lhe fora confiada pelos deuses. Dentro encontravam-se todos os defeitos e maldades possíveis e imagináveis, que se espalharam pelo mundo.

(44) PINSKY, Jaime. *op. cit.*, p.

## BIBLIOGRAFIA

- ARIES, Philippe & BEJIN, André (orgs.) .Sexualidades Ocidentais. Tradução de Lygia A. Watanabe e Thereza C. F. Stummer. São Paulo, Brasiliense, 1986, 2ª ed.
- ARISTÓFANES. A Revolução das Mulheres / A Greve do Sexo. Tradução e adaptação de Mario da Gama Kury. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- ARISTÓTELES. A Política. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo, Hemus, \_\_, \_\_.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. Trabalho Compulsório na Antiguidade. Rio de Janeiro, Graal, 1984.
- COULANGES, Fustel de. A Cidade Antiga. Tradução de Jonas C. Leite e Eduardo Fonseca. São Paulo, Hemus, 1975.
- CROUZET, Maurice (org.). História Geral das Civilizações, Tomo 1, Volume 2: O Oriente e a Grécia Antiga. Tradução de Pedro Moracyr Campos. Rio de Janeiro / São Paulo, Difel, 1977, 5ª ed.
- DIKOV & KOVALEV (orgs.). História da Antiguidade. Lisboa, Estampa, 1976, 3ª ed.
- DICIONARIO DE MITOLOGIA GRECO-ROMANA. São Paulo, Abril Cultural, 1973.
- ENGELS, Friedrich. A Origem da Família da Propriedade Privada e do Estado. Tradução de Leandro Konder. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982, 8ª ed.
- ESQUILO, SÓFOCLES, EURÍPEDES & ARISTÓFANES. Teatro Grego: Prometeu Acorrentado, Rei Edipo, Hipólito e Nuvens. Tradução e seleção de Jaime Bruna. São Paulo, Cultrix, 1977, 3ª ed.
- EURÍPEDES. Medéia. Tradução de David Jardim Júnior. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1988.
- FINLEY, M.I. Os Gregos Antigos. Tradução de Artur Morão. São Paulo, Livraria Martins Fontes, \_\_, \_\_.
- FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1988, 5ª ed.



- GRIMAL, Pierre. A mitologia Grega. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, São Paulo, Brasiliense, 1983, 2ª ed.
- HISTÓRIA DO PENSAMENTO, VOLUME 1: DAS ORIGENS A IDADE MÉDIA. São Paulo, Nova Cultural, 1987.
- HOMERO. Odisseia. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro, Editora Três, 1974.
- MELLO, Maria Martha Fimentel de. Anais do I Simpósio Nacional de História Antiga. João Pessoa, Imprensa Universitária, 1984.
- MOSSÉ, Claude. As Instituições Gregas. Tradução de Antônio I. Dias Diogo. São Paulo, Livraria Martins Fontes, \_.
- PINSKY, Jaime (org.). 100 Textos de História Antiga. São Paulo, 1980, 3ª ed.
- . Modos de Produção na Antiguidade. São Paulo, 1984, 2ª ed.
- PLATÃO. Diálogos. Tradução de Jorge Paleikat. Rio de Janeiro, Editora Tecnoprint, \_.
- ROSALDO, Michelle Z. & LAMPHERE, Louise (coords.). A Mulher, A Cultura, A Sociedade. Tradução de Cila Anker e Rachel Gorenstein. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- ROUSSELLE, Aline. Pornéia: Sexualidade e Amor no Mundo Antigo. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, São Paulo, Brasiliense, 1984.
- SALLES, Catherine. Nos Submundos da Antiguidade. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, São Paulo, Brasiliense, 1987, 3ª ed.
- VERNANT, Jean-Pierre & NAQUET, Pierre Vidal. Mito e Tragédia na Grécia Antiga. Tradução de Anna Lia A. de A. Prado, Filomena Y. H. Garcia e Maria da Conceição M. Cavalcante. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- WOODFORD, Susan. História da Arte da Universidade de Cambridge: Grécia e Roma. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo, Círculo do Livro, \_.

ANEXOS





A Noite, de Michelangelo





O Dia, de Michelangelo





Zeus (Detalhe)

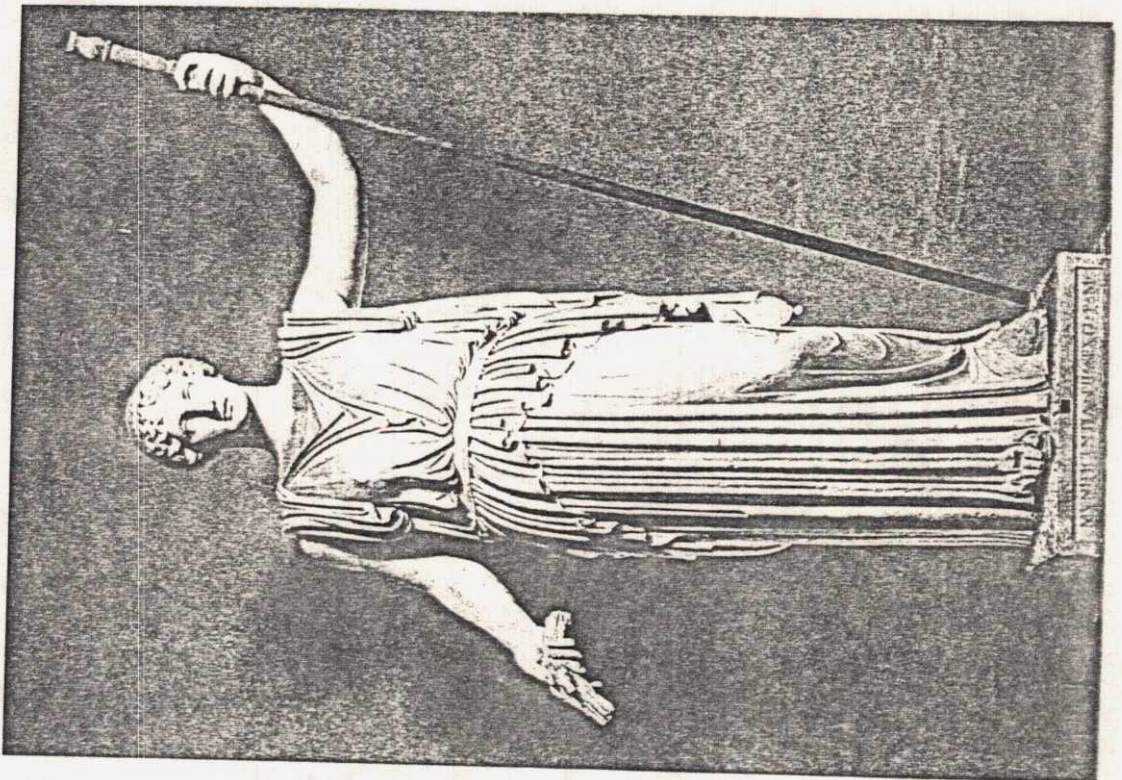


Hera Ludovisi



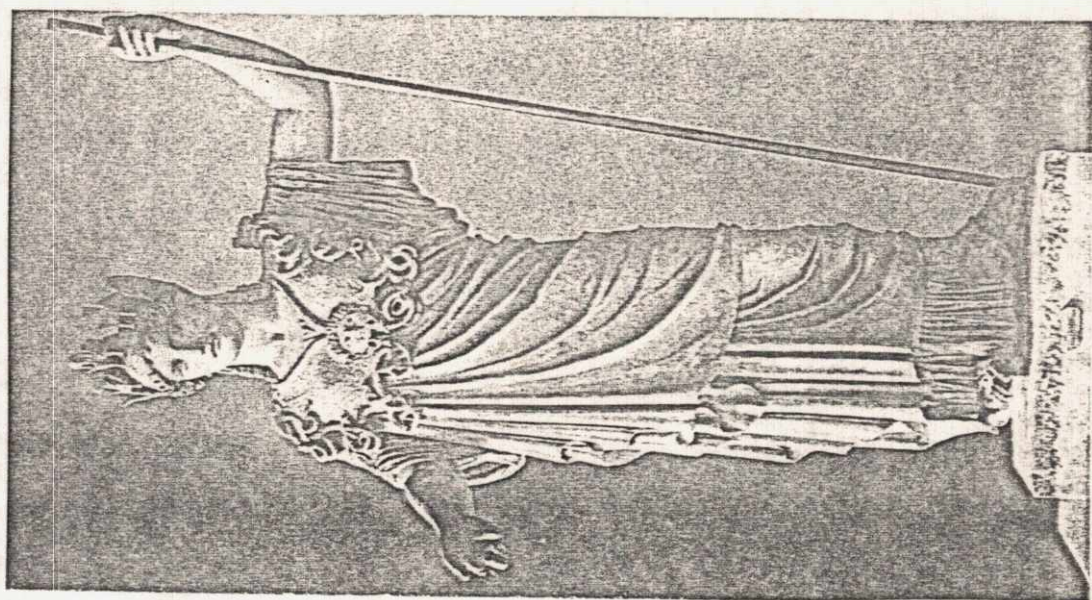


Afrodite de Praxiteles

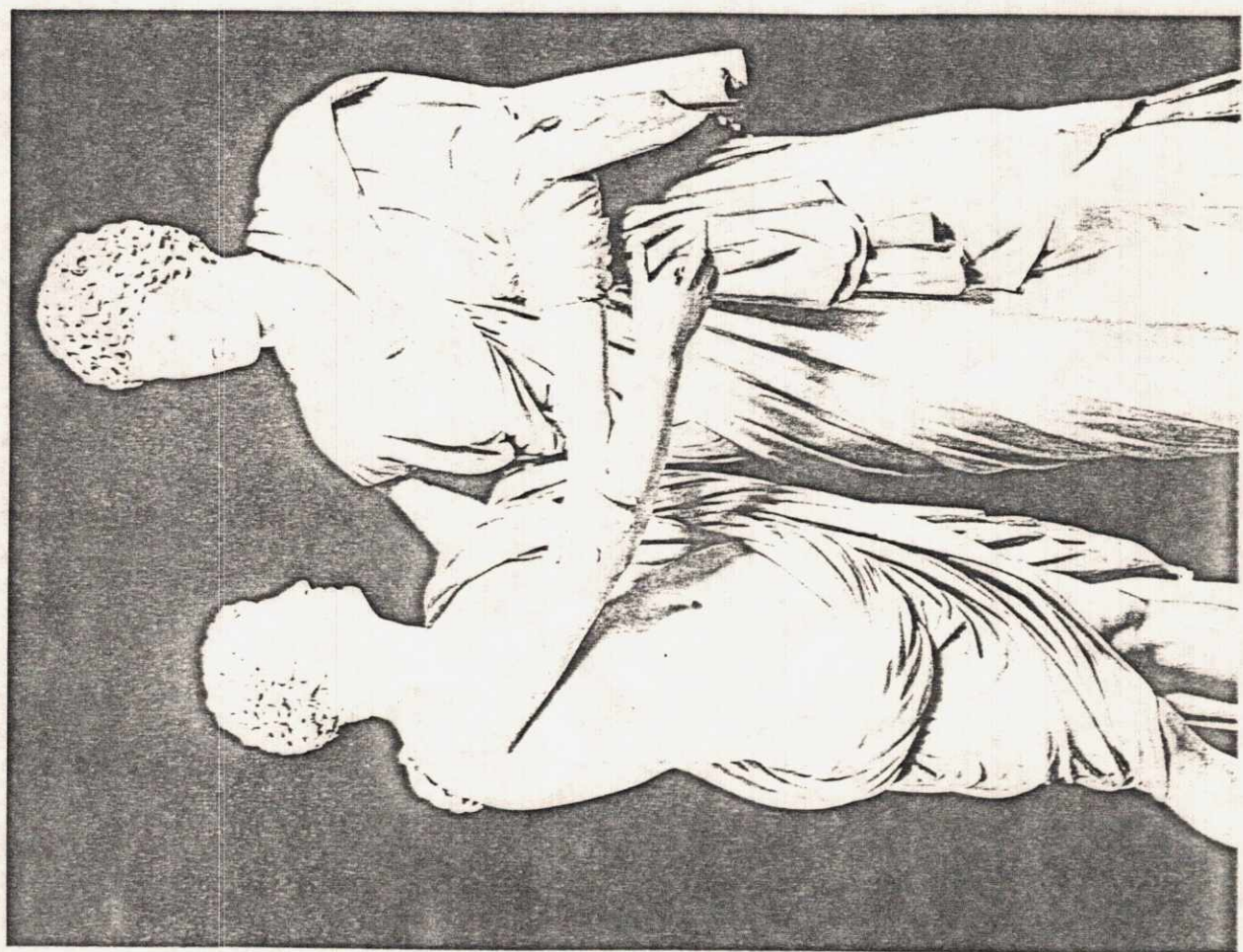


Deméter



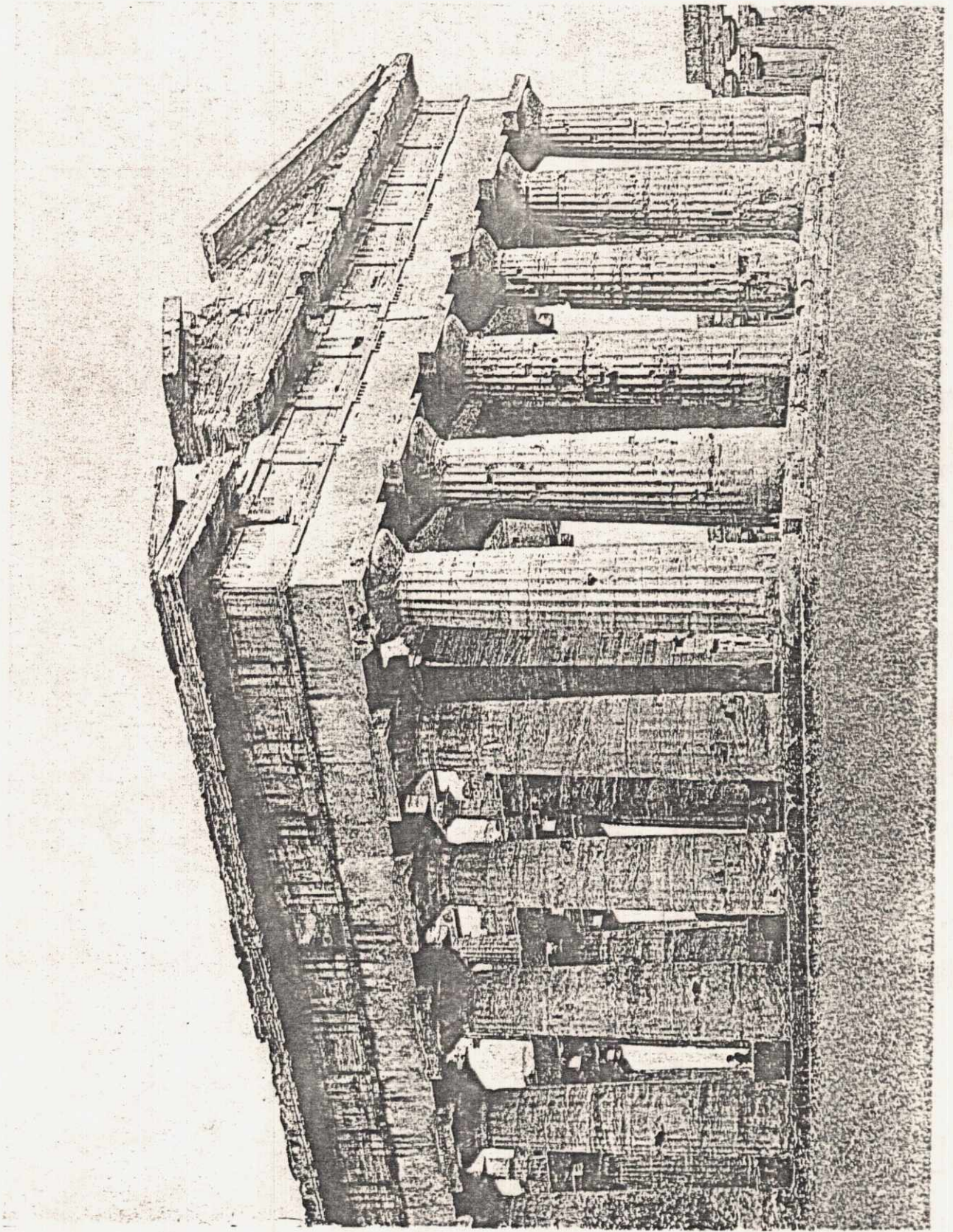


Athena Farnese



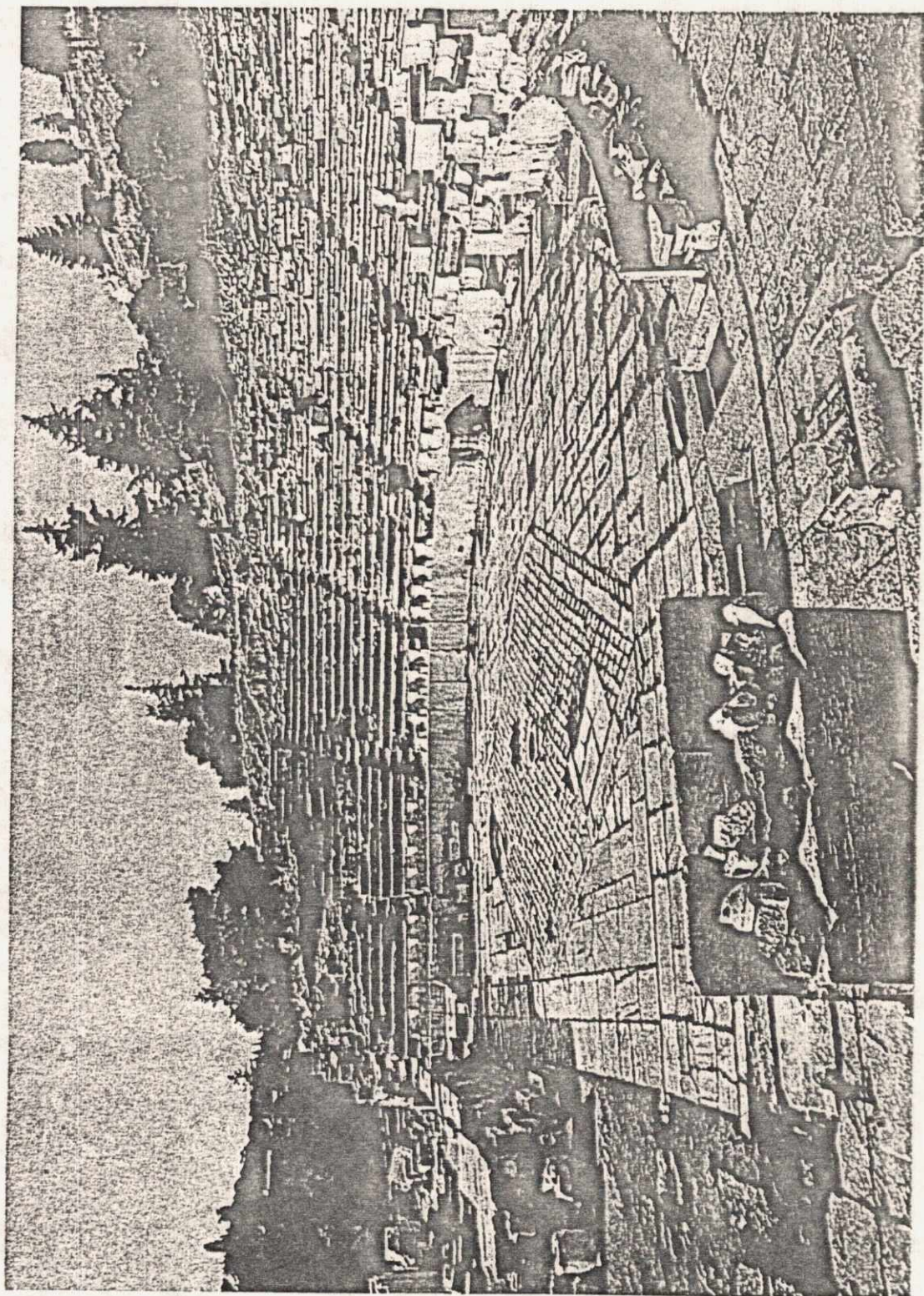
Electra e Orestes





Templo de Poseidon, em Paestum





Teatro de Dioniso, em Atenas





Bacantes



Dioniso adolescente, de Caravaggio





Bacanal, de Houasse



Bacanal, de Ticiano







Cortejo Dionisiaco





Ator trágico. Arte italiota





Ator recitando. Arte romana





Maścara. Arte helenística





Medéia planeja a morte dos filhos. Arte romana





Jasão (detalhe de Os Argonautas, Lorenzo Costa)





Prometeu Acorrentado, de Adam Nicolas Sebastien (detalhe)





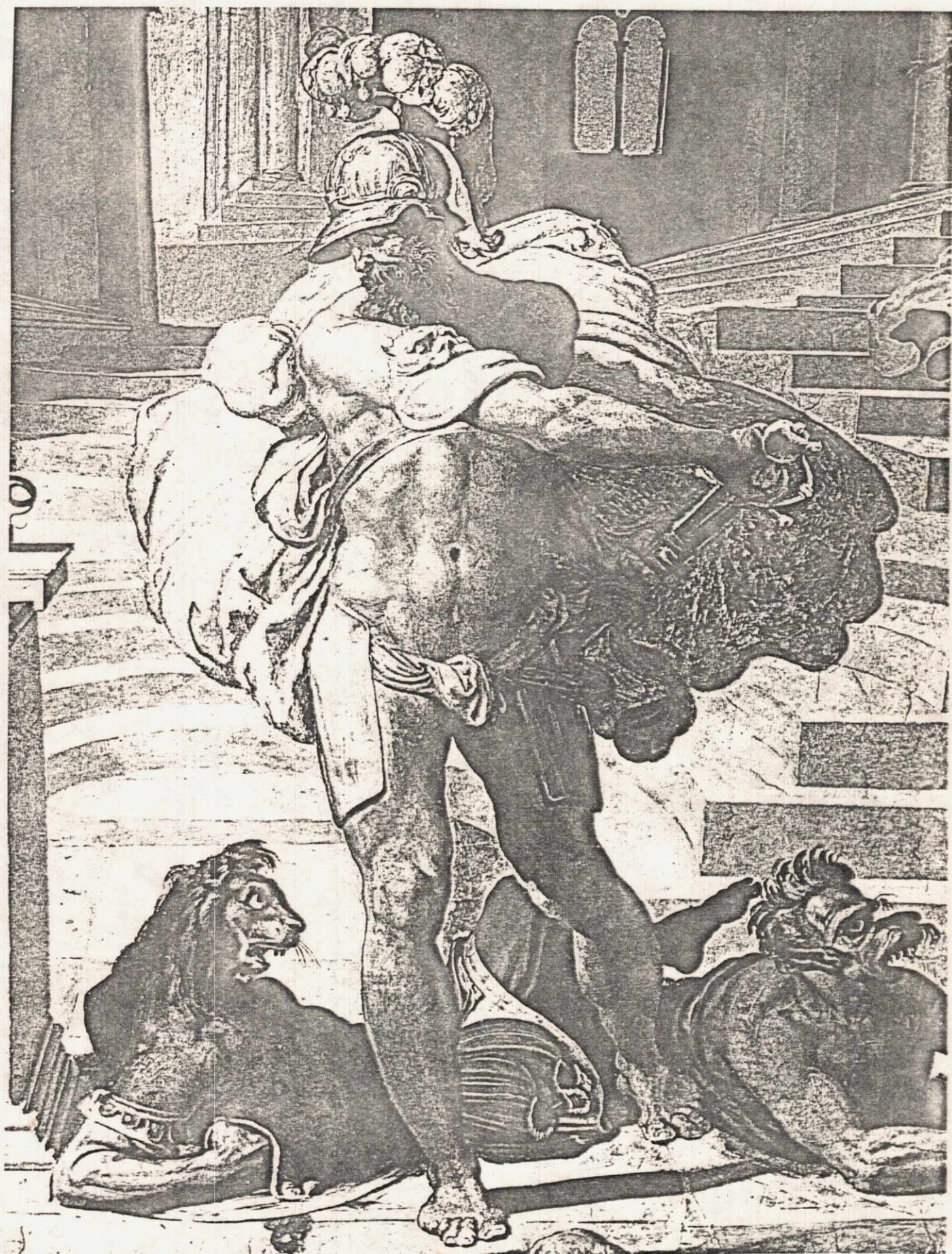
Edipe e o Pastor, de Francesco Nenci (detalhe)





Penélope tecendo, de Stradono (detalhe)





Ulisses (detalhe de Ulisses e Circe, de P. Tibaldi)